

DO ABANDONO À DECADÊNCIA: DUZU-QUERENÇA E SUA VIDA DE ABUSOS, VIOLÊNCIA E MISÉRIA

Luciane de Lima Paim¹

Universidade Federal de Santa Maria – UFSM

Capes

(lucianeletras15@gmail.com)

Co-autora: Patrini Viero Ferreira²

Universidade Federal de Santa Maria

Capes

(patyvii02@hotmail.com)

RESUMO: *Olhos D'água* é um livro de contos, vencedor do prêmio Jabuti, nessa categoria, em 2015, escrito por Conceição Evaristo. Nessa obra, a autora sacramenta, com uma linguagem sutil e poética, a pluralidade da existência humana. Em *Olhos D'água*, Conceição Evaristo ajusta o foco de seu interesse na população afro-brasileira abordando, sem meias palavras, a pobreza e a violência urbana que a acometem. A obra é composta por um extenso elenco feminino, do qual destacou-se, para este estudo, a personagem Duzu-Querença. O objetivo é analisar como o abandono levou a vida de Duzu à decadência, identificando as diversas dificuldades que ela enfrentou, desde abusos, misérias até violência moral, psicológica e física. Metodologicamente, analisamos excertos da obra, nos quais é mencionado como a vida dessa mulher desenvolveu-se de forma decadente devido ao contexto ao qual foi sujeitada a inserir-se.

Palavras-Chave: Abandono. Decadência. Violência. Abuso. Mulher.

ABSTRACT: *Olhos D'água* is a short story book, winner of the 2015 Jabuti Prize, in this category, written by Conceição Evaristo. In this work, the author sacraments, with a subtle and poetic language, the plurality of human existence. In *Olhos D'água*, Conceição Evaristo adjusted the focus of her interest in the Afro-Brazilian population, addressing precisely the poverty and urban violence that afflicts her. The work is composed of an extensive female cast, of which the character Duzu-Querença stands out for this study. The goal of this paper is to analyze how abandonment led Duzu's life to decay, identifying the various difficulties she faced, from abuses, miseries to moral, psychological and physical violence. Methodologically, we analyzed excerpts from this work, in which it is mentioned how the life of that woman has developed in a decadent way due to the context to which she was forced to insert herself.

Keywords: Abandon. Decadence. Violence. Abuse. Woman.

RESUMEN: *Olhos D'água* es un libro de cuentos, vencedor del premio Jabuti en esa categoría, en 2015, que fue escrito por Conceição Evaristo. En esa obra, la autora sacramenta, con un lenguaje sutil y poético, la pluralidad de la existencia humana. En *Olhos D'água*, Conceição Evaristo direcciona el enfoque de su interés a la población afrobrasileña abarcando, sin rodeos, la pobreza y la violencia urbana que la acometen. La obra se compone por un extenso elenco femenino, del cual se destacó, para este estudio, el personaje *Duzu-Querença*. El objetivo es analizar cómo el abandono llevó la vida de *Duzu* a la decadencia, identificando las diversas dificultades vivenciadas, desde abusos y misérias hasta la violencia moral, psicológica y física. Metodológicamente, analizamos fragmentos de la obra en los cuales se mencionan como la vida de esa mujer se desarrolló de forma decadente debido al contexto en el cual fue sujetada a inserirse.

Palabras Clave: Abandono. Decadencia. Violencia. Abuso. Mujer.

INTRODUÇÃO

Conceição Evaristo é uma das principais expoentes da literatura brasileira e afro-brasileira atualmente. É mestra em Literatura Brasileira pela PUC-Rio e Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense. Tornou-se também uma escritora negra de projeção internacional, com obras traduzidas em outros idiomas. Publicou seu primeiro poema em 1990, no décimo terceiro volume dos *Cadernos Negros*, editado pelo grupo Quilombhoje, de São Paulo. Desde então, publicou diversos poemas e contos nos *Cadernos*, além de uma coletânea de poemas e dois romances.

Evaristo apresenta-nos uma literatura vasta de profundas reflexões acerca das questões de raça e de gênero, com o objetivo claro de revelar a desigualdade em nossa sociedade, além de recuperar uma memória sofrida da população afro-brasileira em toda sua riqueza e potencialidade de ação. É uma mulher que tem cuidado em abrir espaços para outras mulheres negras se apresentarem no mundo da literatura. Pois como ela mesma disse em uma entrevista:

O que eu tenho pontuado é isso: é o direito da escrita e da leitura que o povo pede, que o povo demanda. É um direito de qualquer um, escrevendo ou não segundo as normas cultas da língua. É um direito que as pessoas também querem exercer. Então Carolina Maria de Jesus não tinha nenhuma dificuldade de dizer, de se afirmar como escritora. (...) E quando mulheres do povo como Carolina, como minha mãe, como eu, nos dispomos a escrever, eu acho que a gente está rompendo com o lugar que normalmente nos é reservado, né? A mulher negra, ela pode cantar, ela pode dançar, ela pode cozinhar, ela pode se prostituir, mas escrever, não, escrever é uma coisa... é um exercício que a elite julga que só ela tem esse direito. (...). Então, eu gosto de dizer isso: escrever, o exercício da escrita, é um direito que todo mundo tem. Como o exercício da leitura, como o exercício do prazer, como ter uma casa, como ter a comida (...). A literatura feita pelas pessoas do povo, ela rompe com o lugar pré-determinado. (Conceição Evaristo, em entrevista concedida ao blog, *Blogueiras Feministas – De olho na Web e no mundo, em 30 de setembro de 2010*)

Olhos D'água é um livro de contos, vencedor do prêmio Jabuti, na categoria contos, em 2015, escrito por Conceição Evaristo. Nessa obra, a autora sacramenta, com uma linguagem sutil e poética, a pluralidade da existência humana. Em *Olhos D'água*, Conceição Evaristo direciona-nos a uma leitura focada no interesse na população afro-brasileira abordando, de forma clara e direta, a pobreza e a violência urbana que a acometem. No prefácio da 1ª edição da obra, Heloisa Toller Gomes apresenta as personagens:

Sem sentimentalismos facilitadores, mas sempre incorporando a tessitura poética à ficção, os contos de Conceição Evaristo apresentam uma significativa galeria de mulheres: Ana Davenga, a mendiga Duzu-Querença, Natalina, Luamanda, Cida, a menina Zaíta. Ou serão todas a mesma mulher, captada e recriada no caleidoscópio da literatura em variados instantâneos da vida? Diferem elas em idade e em conjunturas de experiências, mas compartilham da mesma vida de ferro, equilibrando-se na “frágil vara” que, lemos no conto “O Cooper de Cida”, é a “corda bamba do tempo”. Na verdade, essa mulher de muitas faces é emblemática de milhões de brasileiras na sociedade de exclusões que é a nossa. (GOMES, 2011, p. 9-10).

Evaristo traz à tona, na obra supracitada, o realismo do cotidiano, o que muitas mulheres enfrentam e suportam. Dentro deste leque de personagens, para essa pesquisa, foi selecionada a personagem de Duzu-Querença, pois, ao nosso ver, é uma das histórias mais marcantes e exemplares da obra, em vista de sua trajetória de violência e sofrimento que perpassa a infância da personagem e também a vida adulta.

Em *Olhos D'água*, a autora tenta apresentar aos leitores, pelo menos em parte, a realidade enfrentada tanto por mulheres quanto por homens. São histórias que demonstram as dificuldades, os preconceitos, os obstáculos e as perdas que esses personagens sofreram. Duzu foi a escolhida, talvez, por ser tão marcante o fato de ela ter sido abandonada e ter adentrado à prostituição ainda criança, sem ter

consciência disso. A figura feminina de Duzu é um dos maiores exemplos existentes da obra do quanto os fatores externos, relativos ao contexto, interferem na construção social e de caráter de um indivíduo, bem como restringem suas possíveis escolhas em todos os âmbitos.

Para buscar a visualização deste ponto dentro do texto literário e identificar como o abuso, a miséria e a violência passaram a fazer parte do cotidiano de Duzu, este artigo foi organizado em dois momentos: a análise teórica sobre o assunto e as fendas conclusivas com resultados obtidos a partir da análise anterior. Como base teórica para essa análise tivemos como suporte Michaud, em sua obra *A Violência* (1989); *A Dominação Masculina* (2015), de Bourdieu; e, ainda, nos preocupamos em identificar o que poderia ou não ser considerado violência, no contexto brasileiro, por isso, também tivemos o suporte da *Lei Maria da Penha* (2006).

A (DES)CONSTRUÇÃO DE DUZU-QUERENÇA: DO ABANDONO AO FIM TRÁGICO

No capítulo intitulado “A Personagem do Romance”, componente do livro *A Personagem de ficção* (2004), Antonio Candido constrói de maneira efetiva algumas definições acerca da personagem romanesca, que podem também ser trazidas para o âmbito do conto. Segundo o autor, a personagem é um dos principais elementos de uma trama, visto que é ela que permite a conexão entre o leitor e a obra literária. Neste sentido, pode-se considerar a personagem como o que há de mais vivo dentro de um romance (ou conto), e é ela a grande responsável pela adesão tanto afetiva quanto intelectual do leitor a uma história.

Cabe ressaltar ainda que, apesar da importância que reconhece no aspecto personagem, Candido afirma ser um erro pensar que é ele a essência fundamental de uma obra, levando em consideração que a personagem adquire pleno significado e sentido apenas dentro de um contexto literário, sendo, portanto, a construção estrutural aplicada a uma obra o elemento de eficácia e sucesso do texto.

Outro marco que vale ser colocado em destaque, também discutido por Candido, é a afirmação da personagem como um ser fictício. Apesar de parecer paradoxal, após o destaque da vivacidade característica deste elemento dentro de uma obra, este é um ponto bastante pertinente, se pensarmos que a personagem nada mais é do que uma criação da fantasia que se comunica com o real existencial. Sendo assim, “o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste.” (CANDIDO, 2004, p. 55) Essa relação existente entre o ser vivo e o fictício resulta no conceito de verossimilhança, bastante caro às obras literárias.

Voltando os olhos para este conto, é possível perceber que o narrador se encontra em terceira pessoa, sendo, portanto, onisciente. Este recurso permite a ele conhecer intimamente a personagem protagonista, possibilitando uma aproximação mais acentuada de suas sensações e emoções, ao mesmo tempo que sensibiliza o leitor para os acontecimentos que cercam essa personagem, principalmente se pensarmos em sua infância no prostíbulo. Dessa maneira, é conclusivo afirmar que o olhar do narrador não está limitado a descrever os acontecimentos, mantendo-se fora e não envolvido na história: pelo contrário, o que ocorre a partir desta escolha pelo narrador onisciente é antes uma aproximação da personagem e seu íntimo ao invés de um distanciamento.

Ainda, é importante destacar que o recurso de apresentação da personagem através de um narrador é um artifício antigo e que, dependendo da habilidade do autor, torna-se bastante eficaz. Beth Brait esclarece nossas ideias afirmando que o “fato da narrativa ser conduzida em terceira pessoa não implica necessariamente personagens mal ou bem construídas” (BRAIT, 1985, p.55)

Assim, a personagem de Duzu, podemos dizer, é bem construída, mesmo que apresentada por uma terceira pessoa. No entanto, cabe-nos questionar como seria a apresentação dessa personagem se fosse realizada por ela mesma? Será que ela ocultaria fatos (ou os mesmos fatos) de sua vivência? Será que ela nos

contaria, em detalhes, o que a levou a ter um final de vida tão miserável? Será que, nas passagens em que fica indicado que ela se sentia bem com o que fazia, era realmente essa a sensação da personagem?

Muitos são os fatores que interferem diretamente na construção de uma personagem, estando entre eles o espaço, a escolha lexical, as descrições físicas e psicológicas desse ser fictício. Como postula Beth Brait,

A composição do espaço, o desenho do ambiente, a caracterização da postura física da personagem e a utilização do discurso indireto livre para expressar os pensamentos e as emoções dessa criatura combinam-se de forma harmônica, construindo progressivamente o saber da personagem e do leitor. (BRAIT, 1985, p. 55-56)

Neste conto, tanto as informações quanto os sentimentos, os pensamentos e as ações de Duzu, são conhecidos pelo leitor através do narrador. Portanto, fica claro, nessa pesquisa, que, sobre a vida e as vivências de Duzu, só saberemos com base nas versões do narrador, nunca da personagem. Assim, fica clara a influência definitiva do narrador não apenas na construção dessa protagonista para o leitor, mas também na forma como esse mesmo leitor compreenderá e olhará para esta personagem. Logo no início do conto fica evidente essa apresentação por meio do narrador e a percepção do contexto onde ela se encontrava:

Duzu lambeu os dedos gordurosos de comida, aproveitando os últimos bagos de arroz que tinham ficados presos debaixo de suas unhas sujas. Um homem passou e olhou para a mendiga, com uma expressão de asco. Ela lhe devolveu um olhar de zombaria. O homem apressou o passo, temendo que ela se levantasse e viesse lhe atrapalhar o caminho.

Duzu olhou no fundo da lata, encontrando apenas o espaço vazio. Insistiu ainda. Diversas vezes levou a mão lá dentro e retornou com um imaginário alimento que jogava prazerosamente à boca. Quando se fartou deste sonho, arrotou satisfeita, abandonando a lata na escadaria da igreja e caminhou até mais adiante, se afastando dos outros mendigos. Agachou-se quieta. (EVARISTO, 2011, p. 31)

É perceptível que existe no narrador uma inclinação negativa na apresentação da personagem. Além do ambiente decadente em que ele insere a personagem, sua descrição de Duzu também é pejorativa: ela é uma mendiga de unhas sujas, cujos transeuntes temem que ela lhes atrapalhe o caminho. Ademais, ela é uma miserável que se farta com alimentos imaginários e padece da boa vontade alheia. Como portador de um conhecimento significativo sobre a personagem, o narrador passa a ser o condutor do leitor, levando-o a determinadas conclusões e juízos de valor sobre Duzu. Levando em conta não apenas a linguagem empregada, mas a forma como a protagonista é colocada no fragmento acima, é possível observar a construção de uma visão pessimista da personagem por parte do narrador, restringindo a forma com que o leitor poderia se portar diante desse ser fictício chamado Duzu.

O conto inicia invertendo o formato linear padronizado para a contagem de histórias: a narrativa começa com a atual situação de Duzu, para só então passar a apresentação de seu passado e todas as mazelas que ele carrega. Neste ponto da discussão, é importante salientarmos que nossa análise traçará um percurso que demonstra como o abandono dos pais acabou resultando nessa vida de miséria na qual a personagem acaba, sendo o passado da protagonista e os acontecimentos que nele aconteceram indispensáveis para esse intuito.

Após apresentar como Duzu se encontra depois de velha, o narrador começa a contar a história dessa personagem. Ainda criança, Duzu teve de ir morar com uma senhora que abrigava meninas, pois seus pais não tinham mais condições de criá-la. Na visão deles, essa era a melhor opção para dar uma vida digna à filha. A questão é que eles não sabiam, realmente, o que se passava naquela casa, pois, talvez, se eles soubessem não teriam abandonado a filha lá.

É importante ressaltar que Duzu nunca teve escolhas. Ela jamais foi consultada sobre ir morar longe dos pais, sobre querer ficar numa casa com desconhecidos. Nunca teve voz, desde criança foi silenciada e, na vida adulta, não foi muito diferente. Duzu, na realidade, havia ido morar em um prostíbulo. Ela via as

ceias de sexo entre homens e mulheres e não entendia porque aquilo estava acontecendo ali onde ela morava.

Através dessas experiências vivenciadas, Duzu acabou adentrando à vida adulta sem ao menos ter consciência disso. O resultado disso foi o dia em que, pela primeira vez, ela foi vítima de um pedófilo: “Teve um momento em que o homem chamou por ela. Vagarosamente ela foi se aproximando. Ele, em cima da mulher, com uma das mãos fazia carinho no rosto e nos seios da menina” (EVARISTO, 2014, p. 33).

Sobre essa questão do abandono da infância e da introdução à vida adulta, ainda criança, é válido prestarmos atenção sobre o que nos fala Bourdieu, em *A Dominação Masculina* (2015), sobre essa dominação de origem patriarcal:

[...] sempre vi na dominação masculina e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência [...] (da) submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias [...] simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento, ou, em última instância, do sentimento. (BOURDIEU, 2015, p. 7).

No caso de Duzu, a dominação masculina restringiu a infância de uma criança, e a violência acabou tornando-se diária na vida dela.

Sem ter noção alguma do que estava acontecendo, Duzu continuou sua peregrinação pelos quartos da casa, a fim de descobrir o que se passava ali e por que ela via aquelas ceias, ceias de sexo, tão frequentes. O problema foi quando, um dia, em um desses quartos, “[...] o homem estava deitado nu e sozinho. Pegou a menina e jogou na cama. Duzu não sabia ainda o ritmo do corpo, mas, rápida e instintivamente, aprendeu a dançar”. (EVARISTO, 2014, p. 33).

Duzu foi estuprada e, mais uma vez, silenciada, pois a voz dela não foi ouvida. Quando a dona do prostíbulo descobriu que o homem havia abusado a

menina, ela não deu voz à criança, muito menos viu que aquilo era um estupro. Ela considerou que Duzu gostava do que fazia, e a partir desse dia ou a menina trabalhava como prostituta para ter casa e comida ou ela seria expulsa dali. Sem ter para aonde ir, sem saber o paradeiro dos pais, Duzu só tinha uma escolha, e foi assim que suas brincadeiras de boneca foram substituídas por roupas provocantes, preservativos e homens nus violentando seu corpo.

Sobre as cenas de sexo envolvendo Duzu é importante retomarmos o papel do narrador, pois, mais uma vez, ele usa de seus recursos linguísticos inclinados a demonstrar que a personagem era conivente com a vida que levava, e, mais ainda, que ela gostava de praticar tais ações:

[...] Duzu viu várias vezes homens dormindo em cima de mulheres. Homens acordados em cima das mulheres. Homens mexendo em cima das mulheres. Homens trocando de lugar com mulheres. Gostava de ver aquilo tudo. [...]
[...] Ele em cima da mulher, com uma das mãos fazia carinho no rosto e nos seios da menina. Duzu tinha gosto e medo. Era estranho, mas era bom. [...] (EVARISTO, 2011, p. 33)

A partir dessa visão estereotipada e parcial do narrado, fica evidente uma tentativa dele de conduzir o leitor a determinados pré-conceitos e julgamentos sobre a personagem. Outro ponto importante de ressaltar é que nesse sentido, em nenhum momento, há uma oportunidade da personagem se expressar e apresentar os seus reais sentimentos sobre o que estava passando.

Por um outro ângulo do mesmo fragmento selecionado, é possível entrever marcas que, partindo da onisciência do narrador com relação aos sentimentos e sensações da personagem, demonstram a confusão instaurada em Duzu, que não possuía, naquele momento, maturidade suficiente para julgar aquele ato, e estava, portanto, em situação conflitiva: em sua ingenuidade ainda latente, a protagonista experimenta novas sensações, e não tem ainda capacidade para avaliar devidamente o ambiente de violência ao qual está submetida. Nesta interpretação,

muito antes de gosto ou convivência, o que está sendo agravado neste trecho selecionado do conto é a situação de abandono total e dúvidas pelas quais a personagem passa.

Com a vida conduzida por uma cafetina, Duzu passou a ter um quarto na casa de D. Esmeraldina, para agora poder atender aos seus clientes. A personagem passa de uma menina abandonada pelos pais a uma prostituta em formação, que faz o que faz para poder ter uma casa e comida. A vida de Duzu é construída com abusos, estupro e violência, uma vez que:

Duzu morou ali muitos anos e de lá partiu para outras zonas. Acostumou-se aos gritos das mulheres apanhando dos homens, ao sangue das mulheres assassinadas. Acostumou-se às pancadas dos cafetões, aos mandos e desmandos das cafetinas. Habitou-se à morte como uma forma de vida. (EVARISTO, 2014, p. 34)

Podemos considerar que a vida de Duzu foi calcada em todos os tipos de violência. Vale ressaltar que o conceito de violência no qual está baseado este estudo é o de Yves Michaud, em sua obra *A Violência* (1989), na qual o autor postula que:

Há violência quando, numa situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou várias pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em participações simbólicas e culturais. (MICHAUD, 1989, p. 10-11).

E reafirmamos essa representação de violência por causa dos abusos, do estupro, da citação sobre Duzu e porque, segundo o Art. 7º da Lei nº 11.340/06 – Lei Maria da Penha:

São formas de violência doméstica e familiar contra a mulher, entre outras:

I - a violência física, entendida como qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal; II - a violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação; III - a violência sexual, entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos; IV - a violência patrimonial, entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades; V - a violência moral, entendida como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria. (Art. 7º da Lei nº 11.340/06 – Lei Maria da Penha, 2006, p. 02).

Abandonada, designada à prostituição, Duzu foi ficando sem escolhas. Saiu da casa de D. Esmeraldina, mas levou sua profissão junto. Continuou prostituindo-se, pois era a única solução que encontrava para sobreviver, além de ser a única forma de vida que ela conhecia. Passando por muitas camas, por muitos homens e sem nenhuma instrução e condição de como se prevenir, era óbvio que ela deixaria uma prole espalhada pelo mundo. Duzu foi mãe de nove, e mais uma vez a vida lhe forçou a privar-se de viver com a companhia de alguém. Assim como seus pais, sem condições, Duzu teve de abandonar todos os seus filhos, privando-os do convívio com a mãe, sem saber quem era o pai e dependendo da boa vontade de outrem.

Abusada, violentada, deixando partes de suas vivências para trás, privando-se de seu papel de mãe, sem condições físicas, psicológicas, e financeiras, o que restava a Duzu? A miséria, a decadência.

Duzu teve uma vida sem escolhas, sem voz, sem oportunidades, sem amor, sem compaixão e sem esperança, pois nem pensar em ter outra vida ela pensava. Ela conformou-se com sua vida de desgraças, dor e sofrimento. Ela conformou-se em nunca ser respeitada, e muito menos amada. Nos últimos anos de sua vida, Duzu vivia de sonhos, de delírios, pois “[...] foi retornando ali que Duzu deu de brincar de faz de conta. E foi aprofundando nas raias do delírio que ela se agarrou para viver o tempo de seus últimos dias” (EVARISTO, 2011, p. 35).

Assim sendo, é possível associar esses sonhos e delírios aos quais Duzu se entregou em seus últimos dias a uma espécie de fuga da situação em que encontrava, das condições nas quais era obrigada a viver. Neste mundo fictício, a personagem encontrava uma escapatória do destino ao qual estava fadada.

Desde seu abandono, Duzu sabia que sempre estaria sozinha, e quando teve de abandonar seus filhos ela teve mais certeza disso. E foi sozinha que ela acabou seus dias. De prostituta à mendiga, foi assim que Duzu acabou, jogada, em frente a igrejas e praças, pedindo esmola e comida, sendo vista com asco e pavor, sendo rejeitada e humilhada. Do abandono à decadência, eis o fim de uma criança sem pais, sem voz, sem oportunidades, sem lugar e sem identidade.

FENDAS CONCLUSIVAS E RESULTADOS OBTIDOS

abe-se que os mais variados tipos de agressões contra as mulheres são práticas recorrentes, que percorrem ao longo dos tempos. Historicamente, o mundo é um lugar desigual e a mulher acabou tornando-se prisioneira do poder masculino. A violência atinge mulheres de todas as classes sociais e independe de diferenças geracionais e de raça/etnia, mas como mostra o Mapa da Violência 2015, a taxa de assassinatos de mulheres negras aumentou 54% em dez anos, passando de 1.864, em 2003, para 2.875, em 2013. Isso gera muitas discussões, pois quais seriam os

aspectos (sociais, econômicos, culturais e políticos) e quais as circunstâncias que geram mais violência contra a mulher negra?

Além de ainda vivermos em uma sociedade calcada em estruturas patriarcais dos séculos passados, onde mulher não tinha voz ou vez, uma outra forma de tentar responder a estes questionamentos suscitados acima é voltando nossos olhos para o Estado. Como lembram Bandeira e Batista (2002), o poder de um Estado é normalmente colocado nas mãos de uma elite política, um grupo fechado que se solidifica com base em estruturas pontuais de organização, que incluem aspectos financeiros, sociais e culturais. Essa elite, em certa medida, acaba por privar os demais do acesso a determinados direitos, como o de poder e influência pública.

Dessa maneira, com o favorecimento de determinados segmentos sociais em detrimento de outros, a legitimidade de existir e se auto afirmar sujeito é negada, ou pelo menos restrita, deixando abertas as portas para atitudes discriminatórias e preconceituosas, que podem ser interpretadas como violências. Estando historicamente à margem de todo grupo elitista, as mulheres negras sofrem um duplo preconceito: primeiro, por serem mulheres, são consideradas seres inferiores aos homens, muitas vezes dependentes deles e aconselhadas à submissão extrema; segundo, por serem negras, eram vistas como meros objetos de desejo ou de trabalho, insignificantes e passíveis de preconceitos e pré-julgamentos duvidosos e, em sua maioria, errôneos. A partir dessa visão convencionada e internalizada socialmente que recai sobre a mulher negra, a violência, de todos os tipos, é, senão naturalizada, encarada como uma forma comum de tratamento, passando a fazer parte do dia-a-dia desse grupo social.

Do ponto de vista da personagem Duzu-Querença, é perceptível que, ao longo de sua trajetória como mulher negra menos privilegiada, ela sofre os mais diferentes tipos de violência. E todos esses abusos, das mais diversas naturezas, influenciam diretamente no curso que sua vida toma. Através da análise do conto, pode-se afirmar que a vida da personagem passa por uma espécie de gradação de decadência: afastada da convivência com seus pais, a menina vai para um ambiente

de insegurança e sem nenhuma condição de vida para uma criança, onde é obrigada a abandonar a infância e tornar-se parte de um mundo que ela ainda desconhecia; mais tarde, é negado a Duzu o direito de criar e educar seus filhos e, ao envelhecer, a personagem é relegada a dias de miséria e descaso. Dessa maneira, é possível notar as etapas pelas quais a personagem passa: do abandono, à prostituição, à violência, à miséria, até chegar à morte, por fim.

Este conto, bem como diversos outros escritos por Conceição Evaristo, traz à tona uma realidade vivenciada por muitas mulheres negras e silenciada ao longo de séculos. Colocando a ênfase sobre personagens marginalizadas e estereotipadas historicamente, a autora apresenta uma forma de resistência muito clara e precisa: a situação de exclusão e abuso existe, e é necessário discuti-la. As reflexões suscitadas por estes textos, especialmente o analisado durante este estudo, indo ao encontro da temática dessa revista, levam-nos a repensar nossos conceitos e valores, questionando acerca da posição que ocupamos dentro dessa sociedade e buscando alternativas para a mudança da perspectiva pautada na violência e na desigualdade. No caso de Conceição Evaristo, resistir é escrever, e suas palavras trazem nova força a uma luta há muito tempo travada, que renova suas energias e segue em busca de uma vitória aguardada e justa.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Lourdes; BATISTA, Analía Soria. Preconceito e discriminação como expressões de violência. **Revista Estudos Feministas**. Ano 10, 1º sem. 2002, p. 119-141. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2002000100007>>. Acesso em 23 de nov. 2017.

BRAIT, Beth. **A personagem**. 8. ed. São Paulo : Ática, 2006

BRASIL. **Cartilha: Conhecendo A Lei Nº. 11.340/06 – Lei Maria Da Penha**, 2008. Disponível em: < http://www.pc.ac.gov.br/wps/wcm/connect/28e0df004a9f19f98420959841167f48/conhecendo_+maria_penha.pdf?MOD=AJPEREShttp://www.pc.ac.gov.br/wps/wcm/connect/28e0df004a9f19f98420959841167f48/conhecendo_+maria_penha.pdf?MOD=AJPERES>. Acesso em: 26 mai. 2017.

BRASIL. **Lei Maria da Penha**. Presidência da República, 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm>. Acesso em: 26 mai. 2017.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015. 160p.

CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: CANDIDO, Antonio e outros. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

EVARISTO, Conceição. **Olhos D'água**. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2014. 116p.

MICHAUD, Yves. **A violência**. São Paulo: Ática, 1989. 113p.

WASELFISZ, Julio J. **Mapa da Violência 2015: Homicídio de mulheres no Brasil**. Brasília: FLACSO Brasil, 2015. Disponível em: <http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2017.

Recebido em: 15/06/2017

Aceito em: 25/10/2017